



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 8 de Novembro de 1978

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça"

1. Durante estas primeiras audiências em que tenho a felicidade de encontrar-me convosco vindos aqui de Roma, da Itália e de tantos outros países — desejo, como já disse a 25 de Outubro, continuar a desenvolver os temas estabelecidos por João Paulo I, meu Predecessor. Ele queria falar não só das três virtudes teológicas — fé, esperança e caridade — a mas também das quatro virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Via nelas todas juntas — como sete lâmpadas da vida cristã. Tendo-o Deus chamado à eternidade, só Ode falar das três principais — fé, esperança e caridade —, que iluminam toda a vida do cristão. O seu indigno Sucessor, ao encontrar-se convosco para reflectir, no espírito do seu saudoso Predecessor, sobre as virtudes cardeais, quer acender, em certo sentido, as outras lâmpadas junto do seu ti. mulo.

2. Toca-me hoje falar da justiça. Bom é talvez que este seja o tema da primeira catequese no mês de Novembro. De facto, este mês leva-nos a fixar os olhos sobre a vida de cada homem, e ao mesmo tempo sobre a vida de toda a humanidade, na perspectiva da justiça final. Todos, em certo modo, sabemos que, na transitoriedade deste mundo, não é possível realizar a medida plena da justiça. Talvez que as palavras tantas vezes ouvidas, "Não ha justiça neste mundo", sejam fruto dum simplismo demasiado fácil. Há nelas, porém, ao mesmo tempo um principio de profunda verdade. A justiça é, em certo modo, maior que o homem, que as dimensões da sua vida terrena, que as possibilidades de estabelecer nesta vida relações plenamente justas entre os homens, os ambientes, as sociedades e grupos sociais, as nações, e assim por diante. Cada homem vive e morre com certa sensação de a justiça não estar completa, porque o mundo não é capaz de satisfazer completamente um ser criado à imagem de Deus, de o satisfazer nem na profundidade da sua pessoa nem nos vários aspectos da sua vida humana. E assim, por meio desta fome de justiça, o homem abre-se a Deus que "é a justiça mesma". Jesus, no Sermão da Montanha, expressou isto dum modo claro e conciso, dizendo: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mt 5, 6).*

3. Tendo diante dos olhos este sentido evangélico da justiça, devemos considerá-la ao mesmo tempo como dimensão fundamental da vida humana sobre a terra: vida do homem, da sociedade e da humanidade. Esta é a dimensão ética. A justiça é princípio fundamental da existência e da coexistência dos homens, como também das comunidades humanas, das sociedades e dos povos. Além disso, a justiça é princípio da existência da Igreja como Povo de Deus, e princípio de coexistência da Igreja e das várias estruturas sociais, em particular do Estado, como também das organizações internacionais. Neste terreno vasto e diferenciado, o homem e a humanidade procuram continuamente justiça: é um processo perene e um encargo de suprema importância.

Segundo as diversas relações e os diversos aspectos, a justiça obteve, através dos séculos, definições mais apropriadas. Daqui o conceito da justiça comutativa, distributiva, legal e social. Tudo isto mostra a grandeza do significado fundamental que tem a justiça para a ordem moral entre os homens, nas relações sociais e internacionais. Pode dizer-se que até o sentido da existência do homem sobre a terra está ligado à justiça. Definir correctamente "quanto é devido" a cada um por todos, e ao mesmo tempo a todos por cada um "o que é devido" (debitum) ao homem pelo homem em diversos sistemas e relações — definir, e antes de mais realizar! é grande coisa, pela qual cada homem vive e graças à qual a sua vida tem sentido.

Mantém-se portanto, durante os séculos da existência humana na terra, um esforço contínuo e uma luta contínua para ordenar com justiça o conjunto da vida social nos seus vários aspectos. É necessário olhar com respeito para a multiplicidade de programas e para a actividade, às vezes reformadora, de diversas tendências e sistemas. É necessário, ao mesmo tempo, ter consciência de não se tratar aqui primeiramente dos sistemas, mas da justiça e do homem. Não pode ser o homem para o sistema, mas o sistema deve ser para o homem. Por isso é necessário defendermo-nos do enquilosamento do sistema. Refiro-me aos sistemas sociais, económicos, políticos e culturais, que devem ter conta do homem, do seu bem integral, e devem ser capazes de se reformar a si mesmos, as suas estruturas próprias, segundo as exigências da verdade plena sobre o homem. Deste ponto de vista é que há-de medir-se o grande esforço dos nossos tempos, que tende a definir e a consolidar "os direitos do homem" na vida da humanidade hodierna, dos povos e dos Estados.

A Igreja do nosso século mantém-se em diálogo contínuo sobre a grande frente do mundo contemporâneo, como o testemunham numerosas encíclicas dos Papas e a doutrina do Concílio Vaticano II. O actual Papa terá certamente de voltar outras vezes a estes argumentos. Na breve exposição de hoje basta porém limitar-me a assinalar apenas este vasto e diferenciado terreno.

4. É necessário para cada um de nós poder viver num contexto de justiça, e ainda mais, ser cada um de nós justo e actuar com justiça a respeito dos que estão perto e dos que estão longe, da comunidade, da sociedade de que é membro... e a respeito de Deus.

A justiça tem de atender a muitas coisas e reveste muitas formas. Há também uma forma de justiça que tem em vista aquilo que o homem "deve" a Deus. Já só este tema é principal e vasto.

Não o desenvolverei agora, ainda que não possa fugir a indicá-lo.

Detenhamo-nos entretanto sobre os homens. Cristo deixou-nos o mandamento do amor do próximo. Neste mandamento inclui-se também tudo o que diz respeito à justiça. Não pode haver amor sem justiça. O amor "supera" a justiça, mas, ao mesmo tempo, encontra a sua verificação na justiça. Até o pai e a mãe, amando o próprio filho, devem ser justos com ele. Vacilando a justiça, também o amor corre perigo.

Ser justo significa dar a cada um o que lhe é devido. Isto diz respeito aos bens temporais, de natureza material. O melhor exemplo pode ser, neste particular, a retribuição do trabalho ou o chamado direito aos frutos do próprio trabalho ou da própria terra. Mas ao homem deve-se, além disso, o bom nome, o respeito, a consideração e a fama, que para si mereceu. Quanto mais conhecemos o homem, tanto mais se nos revelam a sua personalidade, o seu carácter, a sua inteligência e o seu coração, E tanto mais nos damos conta — e devemos dar-nos conta! — do critério com que devemos "medi-lo" e o que significa sermos justos para com ele.

É por isso, necessário aprofundar-mos continuamente o conhecimento da justiça. Não se trata duma ciência teórica. É virtude, é capacidade do espírito humano, da vontade humana e também do coração. Requer-se ainda que oremos para sermos justos e sabermos ser justos. Não podemos esquecer as palavras de Nosso Senhor. Com a medida cora que medirdes sereis medidos (*Mt 7, 2*).

Homem justo, homem de "justa medida".

Sejamo-lo todos! Tendamos todos sem descanso para o virmos a ser!

A todos a minha bênção.

* * *

Aos jovens casais disse:

"Que Cristo esteja convosco, através do caminho cia rira que escolheste para percorreres juntos até à morte".

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana